



A FORMAÇÃO ÉTICA DO CIDADÃO ENQUANTO UM SER SOCIAL EM TRANSFORMAÇÃO

Fernando José Alves¹
Junot Cornélio de Matos²

RESUMO:

A ética trata da formação do caráter das pessoas, das instituições e dos povos, nos permitindo ser conscientes. Sendo assim, existe uma capacidade dialógica entre si, entretanto é factual que precisamos cultivar hábitos que nos transformem internamente mediante boas obras, o ser humano enquanto ser sociável necessita um do outro para poder sobreviver de forma digna e respeitosa, alimentando assim, uma sociedade justa e igualitária, promovendo a liberdade entre seus compatriotas. Este estudo objetiva analisar a formação do educando para a sociedade. Neste viés precisamos refletir e questionar como está se processando a formação ética e moral do educando no âmbito escolar. Esta pesquisa de caráter descritivo, promoveu uma análise de abordagem qualitativa(indutiva) dos dados referendados do questionário respondido pelos estudantes do 1º ano do Ensino Médio da Escola pública, EREM Des. José Neves Filho, situada em Cajueiro Seco, Jaboatão dos Guararapes-PE. Envolvendo 110 alunos, onde levantamos questões sobre ética, moral e seu ensino na escola. Verificou-se uma conscientização mínima sobre a ética e a moral dos estudantes no âmbito escolar. Essa formação no seu contexto ético/moral tende a formar um cidadão focado na discussão de seus deveres e direitos dentro da comunidade, entretanto na *práxis pedagógica* é essencial a presença de todos os envolvidos. Aonde concluímos que a conscientização dos valores mínimos necessários para uma convivência humanizada nas relações bilaterais foi destacada nesta pesquisa. Ademais, o conhecimento prévio está presente no contexto social, onde se busca uma ética máxima direcionada à felicidade.

Palavras-chave: Ética, Moral, Educação, Valores, Comunidade.

INTRODUÇÃO

Vivemos numa sociedade que estabelece o “eu” como prioridade e o “outro” é visto como um mero coadjuvante do “eu”, sendo banalizado por meio de atos violentos, como por exemplo o desrespeito ao próximo. Atos esses que são visualizados como normais pela própria sociedade, cuja perda dos valores éticos é um fato inquestionável.

Logo, torna-se fundamental que a ética seja discutida no ambiente escolar, haja vista que as mudanças atitudinais perpassam pela educação. No entanto, Freire (1975, p. 59) ressalta que “ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo. Mediatizados pelos objetos cognoscíveis

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, fernandojosealves123@gmail.com.br

² Professor Orientador: Doutor, Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, junotcmatos@gmail.com.br

[...]”. Esta comunhão perpassa pela ação dialógico, aonde a linguagem comunicacional torna-se essencial, sendo necessário o resgate dos valores definidos no grupo.

Neste formato, compactuo com o filósofo e professor catedrático Matos (2021, p. 52), que fala da responsabilidade:

Parece crucial pensar a responsabilidade da sociedade civil no que tange à educação de sua população não somente no que respeita aos aparatos jurídicos que regulam as relações na sociedade, garantindo respeito, privacidade, autonomia e liberdade de pensar – dentre outras. Ninguém está excluído do compromisso e da responsabilidade social com o compromisso com a educação pública, republicana e democrática.

Sendo assim, este momento factual é o tempo exato de se pensar e refletir um ponto de partida para reavermos os nossos conceitos éticos e morais, na qual o local apropriado para se fazer este resgate é na comunidade em que vivemos, e no espaço escolar onde os atores dessa sociedade iniciam suas relações sociais.

Entretanto, é através da educação que poderemos reaver a condição de cidadão ético. Sendo assim, Araújo (2002, p. 39) corrobora com essa ideia ao destacar que:

A luta pela cidadania passa não apenas pela conquista de igualdade de direitos e deveres a todos os seres humanos, mas também pela conquista de uma vida digna, em sua mais ampla concepção, para todos os cidadãos e cidadãs, habitantes do planeta.

De fato, a educação para a cidadania e para a vida, em uma sociedade democrática, perpassa não só pelo conhecimento das leis e regras, ou a formação de pessoas que aprendem a participar da vida coletiva de forma consciente. É necessário algo mais que o trabalho para a construção de personalidades morais, de cidadãos e cidadãs autônomos que buscam de maneira consciente e virtuosa a felicidade e o bem-estar pessoal e coletivo.

E no contexto desse mundo das diversidades culturais que devemos seguir em busca da formação do cidadão crítico e reflexivo em torno de suas ações pragmáticas, que proporcione um viver equitativo. Sendo assim, precisamos compreender o *éthos* como um espaço em que o mundo pode ser transformado, com a identificação de causas e espaços que provocam os diferentes tipos de exclusão, observando assim que a sociedade pode e deve ter um papel ativo na construção de condições que assegurem a dignidade da vida de cada cidadão.

Portanto, Rios (2002) relembra que a ética pode ser compreendida como uma reflexão crítica sobre o *éthos*, entendidos como o espaço cultural, do mundo transformado pelo homem, desta forma a ética pensa criticamente a moral, enquanto conjunto de valores, princípios que orientam a conduta dos indivíduos e grupos nas sociedades.

Neste contexto repensar uma ética que proporcione uma melhoria na qualidade do ensino de forma plural e não só uma barreira contra a violência, mas um princípio ativo de enriquecimento cultural e cívico, promovendo assim uma educação direcionada aos diferentes

grupos minoritários, mas também uma educação para a tolerância e para o respeito do outro, condição necessária à democracia.

Diante do exposto, desenvolvemos uma pesquisa empírica de caráter qualitativo e descritivo, cujo objetivo geral é investigar como está se processando a formação ética do cidadão no contexto escolar. Mais especificamente buscamos i) Realizar um levantamento acerca do conceito da ética; ii) Promover a escuta dos educandos em torno do processo de conhecimento da ética e da moral; iii) Analisar a ética e a moral desenvolvida com os estudantes do Ensino Médio no âmbito escolar.

Destacamos ainda que a referida pesquisa, procurou trazer possíveis respostas às seguintes indagações: A construção dos valores pessoais e éticos/morais diante de uma sociedade plural se concretiza? Promover uma educação cidadã reflete no enriquecimento cultural e cívico? Oriundas da problemática apresentada, resumida na seguinte questão de pesquisa: Como os jovens estão sendo preparados para lidar com a temática dos valores ético-morais na escola?

METODOLOGIA

A pesquisa empírica foi realizada, por meio de um questionário, com alunos do 1º ano, no total de 110 estudantes do Ensino Médio, com jovens na faixa etária de 15 a 18 anos, no período de 16 e 17 do mês novembro de 2019, portanto antes do período pandêmico, a pesquisa desenvolveu na Escola de Referência - EREM - Escola Integral Desembargador José Neves Filho, aqui referida simplesmente como Escola José Neves, e não foi preciso fazer nenhuma adequação para então ser aplicado aos demais sujeitos.

A escola está situada no bairro de Cajueiro Seco, município de Jaboatão dos Guararapes, e pertence à Rede pública estadual de Pernambuco, com turmas de primeiro ao terceiro ano do ensino médio, além de turmas do programa do Ensino para Jovens e Adultos (EJA), à noite.

O instrumento tinha as seguintes perguntas: O que seria ética para você? Como os jovens estão sendo preparados para lidar com a temática dos valores ético-morais na escola? Qual o papel que a educação e o ensino de Filosofia desempenham na discussão da temática em sala de aula?

Neste sentido, Aguiar (2013) e Bertucci (2008) apontam que enquanto a pesquisa exploratória tem por objetivo tornar o problema explícito e construir hipóteses, geralmente por meio de pesquisa bibliográfica ou de estudos de caso, a pesquisa descritiva visa descrever características de um fenômeno, população ou ainda estabelecer relações entre variáveis.



Assim, quanto aos objetivos este trabalho será descritivo e fará uso de questionário para descrever o problema pesquisado (SCHWAAB et al., 2015).

REFERENCIAL TEÓRICO

Quando se fala que algo é bom ou que proporciona felicidade não se pode exigir que qualquer ser racional considere apenas sobre uma única ação, porque essa é uma opção subjetiva. Assim, é preciso reconhecer que cada sociedade possui uma forma singular de definir o que é moralmente e eticamente aceito por seus integrantes.

Em virtude disto, os pensamentos filosóficos sobre ética e moral da espanhola Adela Cortina procuram explicitar que apesar da pluralidade contemporânea das sociedades há que ser considerado, pelo menos, o mínimo destes princípios como base comum para todas as comunidades de seres humanos, como por exemplo os valores defendidos pela Carta de Direitos Humanos (CDH) da ONU, promulgada em 1948, que considera direito de todos os humanos a liberdade, a justiça e a vida.

A ética mínima que Adela propõe procura explicitar os mínimos morais que uma sociedade democrática deve transmitir, que são princípios, valores, atitudes e hábitos aos quais não se pode renunciar, sem renunciar, ao mesmo tempo, à própria humanidade (CORTINA, 2009).

A autora, além de cunhar a ideia de ética mínima, considerada dentro de uma concepção de justiça social, também cunha a ideia de ética de máximos, tendo como propósito a tão almejada felicidade. As primeiras ocupam-se da dimensão universalizável do fenômeno moral, isto é, daqueles deveres exigíveis de qualquer ser racional, identificadas com as exigências mínimas, como as elucidadas pela CDU da ONU. Já as éticas de felicidade oferecem ideais de vida boa, possíveis de hierarquização, para atingir a maior felicidade. Trata-se de éticas de máximos que aconselham modelos morais que dependem de uma opção subjetiva, não sendo exigíveis para qualquer ser racional.

Nesse campo, existe um pluralismo axiológico, onde vamos reconhecer os valores éticos e morais, mas também vamos propagar a ideia de que possamos implantar, através da educação, ações de reflexão no sentido de motivar o saber pelo amor ético.

A definição de valores possui múltiplos significados, não havendo um único sentido correto, assim como os enunciados por André Lalande (1999), no seu *Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia*:

- a) Característica das coisas que consiste em serem elas mais ou menos estimadas ou desejadas por um sujeito ou, mais comumente, por um grupo de sujeitos determinados. Este é um significado subjetivo;
- b) Característica das coisas que consiste em merecerem elas maior ou menor estima. Este é um significado objetivo;
- c) Característica das coisas que consiste em elas satisfazerem um certo fim. Trata-se do caráter objetivo/hipotético;
- d) Característica de coisas que consiste no fato de, em determinado grupo social e em determinado momento, serem trocadas por uma quantidade determinada de uma mercadoria tomada como unidade;
- e) Preço que se estima, do ponto de vista normativo, deva ser pago por determinado objeto ou serviço (justo valor);
- f) A significação não só literal, mas efetiva e implícita que possuem uma palavra ou expressão.

Ainda que a definição de valores seja complexa e multifacetada, Marilene Chauí alega que a conexão dos valores relativos à ética e moral estão vinculados à terminologia da palavra costumes, que em grego significa *éthos* e, dependendo do alongamento ou encurtamento da vogal “e”, respectivamente, aufere aos sentidos de costumes, propriamente dito, e ao de caráter (CHAUÍ, 2010). Isso também remete a algumas concepções do que seja, por exemplo, correto, bom e justo.

Entretanto, a significação dos valores morais e éticos vem sofrendo uma inversão de valores na sociedade, na qual sua gênese persiste numa trajetória desde a modernidade com os pensamentos de Nietzsche, aonde se pressupõe que:

A própria ética é denegrida e escarnejada como uma das construções tipicamente modernas agora quebradas e destinadas ao cesto de lixo da história; grilhões uma vez considerados necessários, agora estimados claramente supérfluos: outra ilusão que homens e mulheres pós-modernos podem muito bem dispensar (BAUMAN, 1997, p. 6).

Tal prerrogativa advém das mudanças aceleradas impostas à sociedade que geram problemas sociais e afeta a todos no dia-a-dia, transformando as atitudes de cada indivíduo, mudando hábitos, ideias e credos (HELLER, 1999). Sendo assim, “embora a ética esteja na moda e todo mundo fale dela, ninguém chega realmente a acreditar que ela seja importante, e mesmo essencial para viver” (CORTINA, 2003, p. 18).

Por isso, a discussão da ética na formação do educando como ser social, perpassa por uma opção de governabilidade, ou seja, as sociedades modernas precisam distinguir que tipo de habilidade pretendem desenvolver nas escolas, cujas instituições são palco de construção de

caráter dos novos integrantes da sociedade, que no futuro serão agentes promotores de mudanças.

Se essas sociedades só visarem habilidades técnicas (idiomas, cálculos matemáticos, física, etc.), ou sociais, não formarão estudantes bem-sucedidos na vida, já que segundo Cortina (2005, p. 170):

É impossível construir uma sociedade autenticamente democrática contando apenas com indivíduos técnicos e socialmente capacitados, porque tal sociedade precisa fundamentar-se em valores para os quais a razão instrumental é cega, valores como a autonomia e a solidariedade que compõem de forma inevitável a consciência racional das instituições democráticas.

Tais valores devem ser a base para desenvolver e formar pessoas autônomas, sendo necessário uma educação moral, no sentido amplo da palavra “moral”. Neste contexto, a educação moral deve ajudar na formação do caráter individual no sentido de despojar alunos motivados e desejosos de fazer planos afeiçoados por seus projetos de auto realização, sabendo que é preciso ter a consciência de que precisa contar com o outro.

Neste sentido, Adela (2005) destaca que numa sociedade pluralista e democrática o educador não tem o direito de inculcar como universalizável seu próprio modo de ser feliz; cabe sim, aconselhar, convidar, narrar experiência própria e de outros, mas sobretudo a ensinar a deliberar bem sobre o que nos convém. Entretanto, a educação não pode limitar-se a socializar o educando em sua própria comunidade, mas precisa ultrapassar a solidariedade comunitária passando a adotar uma perspectiva de solidariedade universalista (CORTINA, 2005).

Por outro lado, Vázquez (2017) coloca que a ética deita suas raízes na moral que, por sua vez, é tratada como normatização entre os indivíduos. Contraindo-se à construção de uma universalização e normatização da ética, ele defende que se aborde a moral como uma expressão do comportamento humano, tendo como concreto os indivíduos, historicamente determinados. Para o autor, o agir humano é perpassado por conceitos e valores, sentidos e intencionalidades e, nessa relação, a subjetividade valorativa é tão importante quanto a representação conceitual. Da equivalência entre a dimensão epistêmica e a dimensão axiológica, na medida da intencionalidade da *práxis* humana, surge a relação imprescindível entre ética e educação.

Desta maneira, “A ética não é a moral e, portanto, não pode ser reduzida a um conjunto de normas e prescrições; sua missão é explicar a moral efetiva e, neste sentido, pode influir na própria moral”, idem (2017, p. 14). Na contemporaneidade, a ética adquiriu dimensões que se confundem com as regras do bem viver do cotidiano, sendo associada constantemente a padrões e regras de comportamento e normatizações, ao senso comum.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados, aqui destacados, promovem a avaliação dos objetivos específicos que orientaram esta pesquisa, que por sua vez foram analisados a partir das perguntas formuladas no questionário respondido pelos alunos. Desta forma procuramos atingir aos nossos objetivos específicos através desses três subitens.

4.1 Realizar um levantamento acerca do conceito da ética.

Este objetivo específico foi alcançado através da análise da pergunta: *“O que seria ética para você?”*. Esta indagação fora respondida de acordo com os conceitos pré-concebidos dos estudantes, sem que a temática da ética tenha sido abordada ainda em sala de aula.

Apesar disso, os educandos conseguem apresentar conceitos que agregam valores morais e éticos em suas definições, como por exemplo: *“respeitar os valores morais”*; *“é ser humilde, ter amor pelo próximo, respeitar os amigos”*; *“respeitar os colegas, o professor”*; *“aceitar a opinião dos outros”*; *“ensina a como viver com os outros”*; *“respeitar sobre o que os outros pensam e são, e a forma de como falar e ouvir”*; *“é ser digno”*; *“é ouvir o que o outro tem para dizer”*; *“ajudar o próximo”*; *“aprender com os erros”*; *“ser educado”*; *“ser honesto com as pessoas”*; *“o que me faz feliz”*; *“ter companheirismo com o próximo”*.

As definições apresentadas são ideias do que seria a ética apresentada no nosso cotidiano e não fogem da perspectiva dos teóricos, já que:

A ética é teoria, investigação ou explicação de um tipo de experiência humana ou forma de comportamento dos homens, o da moral, considerado, porém na sua totalidade, diversidade e variedade. O que nela se afirma sobre a natureza ou fundamento das normas morais deve valer para a moral da sociedade grega, ou para a moral que vigora de fato numa comunidade humana moderna (VÁZQUEZ, 2017, p. 21).

Tal pensamento corrobora com as ideias apresentadas sobre a temática abordada, já que demonstra que as ações descritas como respeito, dignidade, honestidade e companheirismo, dentre outras, apontadas pelos educandos faz parte do comportamento ético do ser humano, sendo averiguado que embora não se dedique uma disciplina específica para a ética durante o ensino infantil e fundamental, além de não ser uma temática abordada de modo explícito com frequência no meio familiar, os estudantes possuem um conhecimento implícito do que seria ética, haja vista que as condutas morais e éticas fazem parte das sociedades humanas como um conceito implícito.

Logo tais ideias precisam de amadurecimento e espaço para discussão, não só no meio familiar, mas também dentro da instituição escolar, com a participação de uma gestão focada no desenvolvimento pessoal e profissional junto com seu corpo docente.

4.2 Promover a escuta dos educandos em torno do processo de conhecimento da ética e da moral.

Este objetivo específico procurou compreender como os estudantes veem a participação da gestão escolar a respeito da temática abordada; também levantou como a temática está sendo desenvolvida no processo de ensino aprendizagem, por meio da seguinte pergunta: *“Como os jovens estão sendo preparados para lidar com a temática dos valores ético-morais na escola?”*. Nesta análise os estudantes enfatizam a participação inegável das atividades desenvolvidas durante a disciplina de Filosofia, como *“discussões na sala de aula”*; *“do diálogo entre alunos e com os professores”*; *“nas aulas de Filosofia”*; *“por meio de leituras e desenvolvimento da temática em sala de aula”*; *“rodas de leitura”* e *“dinâmicas”*.

As atividades elencadas foram desenvolvidas durante as aulas de Filosofia, além de outros momentos que a escola proporciona, como as rodas de leitura realizadas durante o período da tarde como atividade complementar, que fazem parte do currículo da escola integral.

Tais atividades aplicadas em sala de aula proporciona uma pluralidade no processo de ensino aprendizagem, a variedade de didáticas faz com que o aluno desperte de forma autônoma o gosto pela leitura, pelo conhecimento e promova atitudes críticas em relação aos temas abordados.

É inegável que a disciplina de Filosofia possui uma liberdade maior para retratar a questão da ética na escola, mas a visão diferenciada do professor no seu modo de ensinar agrega valor à discussão e ao modo de ensino, já que de acordo com Alejandro Cerletti (2009, p. 39), ele coloca que:

Converter a questão “ensinar Filosofia” em um problema filosófico modifica também a sequência tradicional da didática da Filosofia, que privilegia o “como” ensinar, para colocar então em primeiro lugar a análise do “que” ensinar. O “que” não será simplesmente um tema filosófico, mas envolve uma tomada de posição perante a Filosofia e o filosofar. Essa colocação, por sua vez, outorga um forte protagonismo aos professores nas decisões sobre as estratégias a desenvolver para levar adiante o seu ensinar, já que tais estratégias resultarão da integração das posições filosóficas e pedagógicas pessoais, com a avaliação das condições e do contexto em que o ensino terá lugar.

Além do mais, as atividades elucidadas demonstram que é preciso ter uma coordenação entre professor e gestão para que haja a concretização de eventos cuja finalidade é interligar o mundo conhecido dos estudantes com o mundo científico apresentado pela escola.



Senão não há como sair da concepção conteudista do século XIX, defendida por algumas escolas, que em vez de ajudar os jovens a entender, compreender, melhor o mundo, os obriga a decorar conteúdos desvinculando-os da realidade do mundo e afastando as oportunidades que a escola pode oferecer para o desenvolvimento não apenas de um profissional, mas de um cidadão integrado no seu meio social e capaz de conduzir mudanças significativas para a sociedade.

Assim, Cláudia Cisiane Benetti (2006, p.35), ressalta que:

Para pensar por si próprio é necessário ir além do ensino de habilidades de pensamento, da história da Filosofia e ou de temas. É importante que o professor possa compreender e abrir espaço para que os alunos façam experiências com os conceitos da Filosofia e encontrem um espaço para produzir a partir das inquietações e conflitos que vivenciaram. O ato de filosofar tem por característica desacomodar, gerar conflito, entretanto, é preciso atentar para não só gerar o conflito sem possibilitar que o aluno construa saídas para os mesmos. Dito de outra forma, é importante se deixar desacomodar e fazer algo a partir do que desacomoda. Nesse sentido, o ato de filosofar, ou o ato de ensinar e aprender de forma geral, não se constrói de maneira desvinculada do desejo e dos afetos produzidos nessa relação. Ao pensar que cada professor poderá fazer com que o aluno se torne portador de um pensamento autônomo, que venha a conhecer a si mesmos e responsabilizar-se por seus próprios atos através do contato com a Filosofia, pressupõe-se a existência de uma subjetividade que deseja “por natureza” pensar, ser crítico, ser livre, ser autônomo.

No entanto, para que de fato os educandos se tornem o que está previsto na Lei de Diretrizes e Bases (BRASIL,1996), seres críticos e reflexivos, autônomos no seu modo de pensar, como bem enfatiza Benetti, é crucial que o ambiente possua estruturas adequadas de ensino, além de maior liberdade de escolha, para os estudantes e professores, na construção dos conteúdos a serem abordados.

4.3 Analisar a ética e a moral desenvolvida com os estudantes do ensino médio no âmbito escolar.

Por fim, ao analisar a pergunta: “*Qual o papel que a educação e o ensino de Filosofia desempenham na discussão da temática em sala de aula?*” é notório que os educandos possuem consciência do papel amplo da educação na construção de uma ética voltada para a convivência com os outros seres e o ambiente, ao realçar frases como: “*nos formar para a vida*”; “*ajudam a colocar na prática os conceitos sobre os valores éticos*”; “*nos tornar pessoas melhores*”; “*mostrar que a ética está presente em tudo*”; “*a elevação mental e a disposição para ser ético*”; “*ensinam que devemos mudar a sociedade, demonstrando mais amor e respeito com nossos colegas, amigos e familiares*”; “*ensinam que para mudar a sociedade precisamos demonstrar mais amor ao próximo e respeito aos saberes da sociedade*”.

Isso demonstra o quanto “é importante que a escola desenvolva em seus alunos habilidades de pensamento crítico, incluindo a capacidade de analisar e solucionar problemas”

(SANTOS, 1997, p. 26), pois é através de ações de interdisciplinaridade agregadas no meio escolar que se torna possível a construção do papel social que é representado por cada estudante na sociedade, tanto nos dias atuais, como no futuro.

Tudo isso só pode ser realizado com apoio da gestão e coordenação escolar, que tenham metas definidas para a formação do ser humano enquanto ser vivente no meio social, pois apesar dos contratempos e desordens no meio escolar, ainda se consegue criar um espaço que ajuda no desenvolvimento do ser, pois segundo Thums (2003, p. 96), “A consciência do agir humano envolve essencialmente a ideia de compromisso, de responsabilidade, de atitude ante o que faço. Quando somos incapazes de compreender a extensão de nossa ação, não temos consciência”.

Deste modo, a ética desenvolvida pela área educacional, segundo Ahlert (2003, p. 169) deve ser:

Um processo aberto e de construção e reconstrução infinita diante das necessidades que a vida humana universal e seu ambiente determinarem, superando, assim, os determinismos do cognitivismo do paradigma da consciência. É uma eticidade implícita em todo o processo educativo, seja ele formal ou informal. Da mais tenra idade até o fim da vida todo o processo de aprendizagem e construção do conhecimento traz no seio de sua realização um desenvolvimento humano ético preocupado com a universalidade da vida de todos os seres humanos. Essa ética pergunta constantemente sobre como devemos agir, sobre as normas e conjunto de valores sem trazer qualquer prejuízo a nenhum ser humano e a nenhuma vida, necessário para o bem-estar de toda a comunidade.

É desta forma que os estudantes do primeiro ano passam a enxergar a ética como um conteúdo além das aulas de Filosofia; passam a visualizá-la no seu cotidiano, no modo como lidam com outras pessoas e com o ambiente que os cercam.

Sendo assim, formar jovens com pensamentos reflexivos filosóficos, sociológicos, econômicos, políticos, etc., e promover uma equidade ética e moral na construção de cidadãos focados na discussão de seus deveres e direitos dentro da comunidade, direcionar esses jovens para as possíveis soluções dos problemas globais é fator de prioridade na confecção de políticas públicas.

Por outro lado, Paulo Freire (1967) diz que a *práxis* pedagógica deverá ser gerida pelos envolvidos no processo: gestão, alunos, professores e familiares; neste sentido, estaremos produzindo uma educação de qualidade onde todos os envolvidos tenham responsabilidades.

Ao trazer um conhecimento ético e moral aos educandos, estaremos promovendo uma ação dialógica e comunicativa de forma interdisciplinar e intersubjetiva, desenvolvendo habilidades que possibilitem a tomada de decisões nas soluções de seus conflitos de forma consensual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final dessa investigação, verificamos que a ética e a moral, enquanto conhecimento de vida e muito incompreendida, na maioria das vezes é deixada para segundo plano, talvez pelo fato de ser um tema perigoso para os detentores do poder econômico, político e social. Por outro lado, podemos confirmar que tal matéria tenha sido projetada desde o surgimento do homem enquanto ser racional, que necessita elaborar normas que regulamentem sua sobrevivência entre seus pares.

Discutir o referido tema é salutar para se desenvolver um pensamento crítico e refletivo, mas a formação do educando no ensino médio já é tardia, porque tal compreensão da ética e da moral deveria ser matéria basilar, com sua iniciação nas series iniciais. Assim, a formação do ser como um todo perpassa o ensino da Filosofia com tema obrigatório na sala de aula desde cedo. Pagamos um preço muito caro pela insistência de excluir essa disciplina dos currículos; podemos identificar a violência em sala de aula (alunos/professores; alunos /alunos; formação de gangues; drogas; sexo), as discriminações, desrespeito, falta de motivação, desmotivação de professores, gestores sem compromisso, enfim presenciamos a falta do gerenciamento de pessoas.

A pesquisa foi plausível porque se verificou que os alunos tinham uma conscientização das formas da ética e da moral e souberam construir uma identidade em torno dos valores mínimos elencados para se projetar em torno dos valores máximos desejados. Assim é notório que a Filosofia extrapola os parâmetros de disciplina, pois busca instigar, por meio de questionamentos, o pensar crítico-reflexivo sobre os acontecimentos da realidade circundante, tendo o professor como um maestro conduzindo a orquestra de estudantes. Entretanto, seu ensino, muitas vezes, está voltado para práticas pedagógicas não condizentes com a realidade.

Desta forma, não podemos negar a utopia que paira em nossos estudantes na caminhada de sua formação junto à realidade percorrida no início textual. Mesmo querendo extirpar seu pensamento filosófico, a pesquisa demonstrou que os estudantes acreditam ainda numa perspectiva de ensino filosófico melhor que a atual. Necessitando de mudanças bruscas nas *práxis* pedagógicas que vislumbrem um ensino condizente com o que foi acertado na aprovação da Constituição Cidadã, um ensino acessível, de qualidade, e de acordo com a realidade de todos os brasileiros.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, E. C. **Monografia início, tranquilidade e defesa**. 4. ed. Recife: Gráfica e Editora Liceu, 2013. 98p.
- AHLERT, A. Políticas públicas e educação na construção de uma cidadania participativa no contexto do debate sobre ciência e tecnologia. **EDUCERE – Revista da Educação**, v. 3, n. 2, p. 129-148, jul./dez., 2003.
- ARAUJO, U. F. **A construção de escolas democráticas: histórias sobre complexidade, mudanças e resistências**. São Paulo: Moderna, 2002. p. 32-40.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394/1996, de 20 de dezembro de 1996.
- BAUMAN, Z. **Ética pós-moderna**. São Paulo: Paulus, 1997.
- BENETTI, C. C. **Filosofia e ensino, singularidade e diferença: entre Lacan e Deleuze**. Ijuí: UNIJUÍ, 2006.
- BERTUCCI, J. L. O. **Metodologia básica para elaboração de trabalhos de conclusão de cursos**. São Paulo: Atlas, 2008.
- CERLETTI, A. Ensinar Filosofia: da pergunta filosófica à proposta metodológica. In: Kohan, Walter O. (Org.) **Filosofia: caminhos para seu ensino**. Rio de Janeiro. DP&A, 2009. p. 19-41.
- CHAUÍ, M. **Iniciação à filosofia**. São Paulo, 13 ed. São Paulo: Ática, 2010.
- CORTINA, A. **A Ética Mínima: Introdução à filosofia prática**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- _____. MARTÍNEZ, E. **Ética**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- _____. **O fazer ético: guia para a educação moral**. São Paulo: Moderna, 2003.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.
- _____, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1967.
- HELLER, A. Uma crise da civilização: os desafios futuros. In: HELLER, A.; MUSHAKOJI, K.; SANTOS, B. S.; CHESNAIS, F.; ALTVATER, E.; ANDERSON, B.; LIGHT, M.; APPIAH-KUBI, K.; SEGRERA, F. L. (Org.). **A crise dos paradigmas em ciências sociais e os desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1999. p. 219-250.
- LALANDE, A. **Vocabulário técnico e crítico de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MATOS, Junot Cornélio. **Filosofia (da) Perguntação**. 1ª ed. Maceió, Al: Editora Café com Sociologia, 2021. (Coleção Filosofias no Chão da Escola).
- RIOS, T. A. Ética, ciência e inclusão social. In: MATOS, C. **Ciência e inclusão social**. São Paulo: Terceira Margem. 2002.
- SANTOS, L. P. Educação Básica. Currículo e formação de professores. **Revista Presença Pedagógica**, v. 3, n. 17, p. 25-31, 1997.
- SCHWAAB, K. S.; RIOS, R.; SILVA, F. V; GROHMANN, M. Avaliação do transporte público por universitários: uma aplicação do modelo QUALBUS. **Anais... Anais do 4º FÓRUM**
- THUMS, J. **Ética na educação – Filosofia e valores na escola**. 2 ed. Rio Grande do Sul: Ulbra, 2003.
- VÁZQUEZ, A. **Ética**. 32. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.